

Agroecologia e juventude rural: a trajetória do jovem Guilherme



A seca de 2010 no Nordeste do Brasil foi um evento climático extremo que afetou severamente a região, causando escassez de água, perda de safras e morte de animais. Durante esse período, a falta de chuvas provocou um cenário de desolação, com reservatórios secos, dificultando a sobrevivência das comunidades rurais. A dificuldade fez os pais do jovem Guilherme Delmondes da Silva, o agricultor Sebastião Alves e a agricultora Marilene Alves, começarem a buscar alternativas para além da agricultura convencional. A antiga forma de cultivo mostrou-se insustentável em consequência da diminuição percebida tanto na produção quanto na renda, além do solo apresentar aspectos de desertificação.

Aquele foi um período em que a família ainda praticava o monocultivo, e ainda havia resquícios do uso de agrotóxicos. Além dessas práticas, ainda se utilizava a broca para o desmatamento e as queimadas. Para o jovem, a fase da estiagem não trazia boas lembranças, por isso ele resistia à ideia de permanecer no campo praticando a agricultura de forma tradicional. “Lembro-me de pensar: Rapaz, isso aí não dá certo para mim. Além do fogo que também fazia parte”.

Em virtude da aproximação da família com o CAATINGA, e com a chegada da cisterna de enxurrada, processos de formações e intercâmbios possibilitaram a renovação no modo de fazer agricultura para a família de Guilherme.

Aos poucos, a família chegou à conclusão de que era preciso se reinventar em suas formas de lidar com a terra e a produção de alimentos, rompendo um ciclo que se estendia desde os antepassados daqueles familiares. Parecia que o sentimento de agroecologia já existia, mesmo sem tomar consciência da palavra. Sebastião Alves, conhecido como Barrim, decidiu se reaproximar da Associação Lagoa Comprida, onde ele esteve presente desde sua fundação, mas que somente em 2010 pôde reaver sua atuação de maneira mais participativa.



Após três anos de participação neste espaço político a família, que neste período já havia construído duas cisternas de 16 mil litros com recursos próprios, pôde conquistar uma cisterna-calçadão por meio do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), em 2013. “Foi a virada de chave mesmo para de fato deixar a agricultura convencional e começar a focar muito na questão da agricultura sustentável de base agroecológica. Eu costumo dizer que a tecnologia é o elemento físico que possibilita essa evolução”, comentou Guilherme.

A partir desse momento, eles começaram a buscar e conhecer novas experiências, principalmente em outros territórios, através de intercâmbios promovidos pelo CAATINGA, muitas vezes em parceria com a ASA. Assim, iam conhecer práticas no Ceará e na Paraíba, e ao voltar, começavam a aplicar o que achavam interessante. Quando a cisterna chegou, foi justamente a possibilidade de começar a produzir hortaliças e outros produtos que antes não eram cultivados. Inicialmente, a produção era destinada ao consumo da família, em seguida, a comercialização foi iniciada na comunidade local, estendendo-se ao Copagro, em Ouricuri, por meio do acesso ao PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e ao PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), além de outros comércios locais no município. Nesse ponto, a juventude, tanto Guilherme como o seu irmão Gabriel, começaram a participar ativamente das atividades no campo.



Quando Guilherme começou a participar dos espaços de discussão sobre as políticas de agroecologia, promovidos pelos Fóruns de Juventudes do Araripe e de Pernambuco, a troca de conhecimentos e experiências foram além das fronteiras nacionais. Com a sua indicação pela ONG Caatinga, para o intercâmbio promovido pelo projeto DAKI – Semiárido Vivo, ação realizada pela Plataforma Semiáridos e pela Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), Guilherme encontrou jovens de diversas regiões do Semiárido brasileiro e da América Latina, discutindo temáticas como as mudanças climáticas e técnicas de cultivo sustentáveis. Este intercâmbio resultou na criação de uma rede de juventude que continua ativa e promove o diálogo e a troca de experiências.

Guilherme ainda comemora ao dizer que “dentro da ASA [Articulação Semiárido Brasileiro], a gente fala: vocês levaram a gente pra lá, fizeram a gente se conhecer e agora queremos dar continuidade nesse processo. Desenvolvemos diálogos sobre o que está acontecendo em cada território, quais foram os avanços, os resultados de cada experiência sobre as práticas agroecológicas. Estamos engatinhando nesse processo de construção da Rede de Juventude do Semiárido Brasileiro e, a nível internacional, a Rede de Juventude, dos Semiáridos da América Latina.”

Sítio Semente

Atualmente, na propriedade Sítio Semente, localizado no município de Ouricuri-PE, na comunidade de Lagoa Comprida, onde reside o casal Sebastião e Marilene e seus filhos Guilherme (19 anos), Gabriel (26 anos) e o caçula Mateus (12 anos), existem cinco cadeias produtivas de origem animal, consideradas uma estratégia importante, em função da sua diversidade, para a sustentabilidade da propriedade: gado, suínos, aves, ovelhas e abelhas. Em breve, a piscicultura e a criação de abelhas sem ferrão serão adicionadas.



Além das cisternas, a família tem outras tecnologias implementadas como o barreiro-trincheira, o reúso de água cinza, o fogão agroecológico e o sistema agroflorestal que funciona como um banco de forragem para os animais e inclui a plantação de feijão, milho, plantas medicinais e integra a produção de alimentos com a sustentabilidade ambiental. Outro detalhe importante, que também estimula o trabalho no campo, é a utilização das tecnologias poupadoras de mão de obra como o tratorito (máquina agrícola versátil que serve para facilitar diversos trabalhos no campo).



Compartilhando Experiências

Com o protagonismo do jovem Guilherme, nasce o canal do YouTube que vem justamente para registrar o que ele e sua família estão fazendo em sua propriedade. É uma maneira de, daqui a 5 ou 10 anos, poder voltar e ver o que estavam fazendo em determinado dia e acompanhar o que estava acontecendo. O espaço na internet serve para documentar esse processo e compartilhar com outras pessoas interessadas em aprender sobre como é viver de forma digna no Semiárido e conhecer as práticas dessa região. O nome do canal, "Semiárido na Prática", reflete essa intenção de mostrar as práticas realizadas na propriedade deles. O canal soma 1,2 mil inscritos e possui vídeos com mais de 22 mil visualizações, como o "Folha da mandioca na ração das aves" que traz como conteúdo uma alimentação alternativa para galinhas, viabilizada pelo preparo do farelo de mandioca.

Guilherme assumiu o papel de comunicador, responsável pela gravação e edição dos vídeos. Ele percebeu que havia muitas pessoas interessadas nas atividades deles e queria compartilhar esse conhecimento. A família participa ocasionalmente, uma vez que é o jovem Guilherme que idealiza, escreve, dirige e edita os vídeos, estando atrás e à frente da câmera, e a par de todo o processo criativo, enquanto a família faz participações curtas e esporádicas. Ele vê a comunicação como uma forma de registrar as atividades e de levar essas informações para outras pessoas. Essas duas motivações – documentar suas práticas e compartilhar conhecimento – são o que o impulsionam a ser um comunicador.

Acesse o canal por meio do link:

<https://www.youtube.com/@semiaridonapratica>